

## Posse do Desembargador Florêncio de Abreu, na Sociedade Brasileira de Geografia

Em reunião levada a efeito em 15 de abril do corrente, em sua sede, a Sociedade Brasileira de Geografia empossou em significativa solenidade, o desembargador FLORÊNCIO DE ABREU, presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, novo sócio daquela veneranda instituição, prestando na ocasião uma homenagem ao Prof. DELGADO DE CARVALHO, que vem há cinquenta anos prestando assinalados serviços como professor e vulgarizador da Geografia moderna em nosso país. Presidiu a reunião o almirante DODSWORTH MARTINS, presidente da Sociedade. A solenidade contou com a presença de grande número de sócios e autoridades.

O desembargador CARLOS XAVIER PAIS BARRETO, membro da diretoria, falando sobre a finalidade da reunião, salientou, as atividades culturais e científicas do presidente do I B G E, desembargador FLORÊNCIO DE ABREU, no campo jurídico, científico e geográfico, assinalando os relevantes serviços prestados ao país em diversos setores da administração.

Falaram, em agradecimento os homenageados, desembargador FLORÊNCIO DE ABREU e o Prof. DELGADO DE CARVALHO.

Eis na íntegra, o discurso do desembargador CARLOS XAVIER:

"A Sociedade Brasileira de Geografia orgulhosamente teve emriquecido o seu cadastro social com a posse do senhor desembargador FLORÊNCIO DE ABREU, que, pelo seu talento superior e superiormente culto, pela polimorfia de inteligência, pela atuação, verdadeiramente cívica, na vida nacional, e por vários outros títulos se tem imposto à admiração e apreço dos seus contemporâneos.

Senhores:

Cada sócio que ingressa como que representa novo sangue, injetado nas artérias de nossa personalidade moral.

Mas do sangue de hoje já recebemos a transfusão vivificadora, porquanto, sem pertencer oficialmente ao grêmio, já era nosso confiade pelo coração, pelo espírito, pela interferência benéfica em nossos negócios e pelos serviços prestados, com tanta eficiência

que a sua direção entregamos um dos nossos mais importantes trabalhos: a presidência do XI Congresso Brasileiro de Geografia.

Senhores:

O brasileiro que vem hoje comungar conosco no palpitar das mesmas aspirações e ajudai-nos a honrar a pátria, por intermédio da ciência, tem percorrido vários setores de atividades humanas, deixando sempre, em cada um deles, uma linha de grandeza.

Se é verdade, como dizem os genealogistas, que o amplexo ancestral guia o homem, teve ele no genótipo boa estela ao nascer, com a herança moral cheia de glórias e de nobreza cívica, do saudoso parlamentar senador FLORÊNCIO DE ABREU, uma das reservas morais, vindas ainda dos velhos dias do regime monárquico.

Mas o recipiendário de hoje jamais procurou dormir à sombra dos louros de seus antepassados, tirou proveito do prestígio da ilustre família a que pertence.

Trabalhou por si, retemperou o caráter herdado na folha dos bons princípios e na fé ardente pelos altos destinos da pátria; fez de sua vida um relicário de ensinamentos éticos e conseguiu vencer, não descobrindo o segredo fácil dos fáceis triunfadores, mas tendo a confiança cada vez maior, no valor do trabalho honesto.

Político ocupou posições sem tergiversar, atravessou ondas encapeladas da vida pública sem molhar-se, passou pelos grandes momentos da nacionalidade com a mesma firmeza de ânimo.

É que, possuidor do mais seguro critério e independência espiritual, afastou-se sempre, das nefastas influências que pervertem os mais claros entendimentos.

Mesmo quando chefe de polícia no seu estado, acima da ação política, soube colocar a ética, obedecendo estritamente às regras de equanimidade.

O seu amor às pesquisas históricas levou-o à direção do Arquivo Público gaúcho que muito lhe deveu no período de reorganização.

Mas onde penetrou com esporas de cavaleiro foi no campo dessa ciência que fez a glória de CÍCERO e PAPIANO, na velha Roma, DUPIN na França; MELO FREIRE em Portugal; LAFAYETTE, CLÓVIS e RUI no Brasil

Advogado veisado em jurisprudência, possuidor de máxima honestidade profissional, soube merecer a expressão de CÍCERO *vir probus*, e, por isso, obteve sem ornamentações vistosas, mas calma e serenamente, a reputação de homem superior

Ainda no templo da justiça, pontificou no Ministério Público, onde granjeou o mais alto posto: o de Procurador Geral do Estado. Foi magistrado. Nos tempos que correm muito difícil é distribuir o *sum cuique tribuere*. Soube fazê-lo FLORÊNCIO DE ABREU, jamais se deixando levar pelos excessos de rigor ou de benevolência.

A sua ação se fez sentir fora do ambiente regional e tomou parte em vários congressos nacionais e interamericanos. Foi seu companheiro no de Direito Judiciário. A mim coube o relatório e as sugestões da primeira parte do projeto e o meu substitutivo é que foi discutido. Tive a felicidade de obter a solidariedade de FLORÊNCIO DE ABREU na parte que lhe foi distribuída sobre conflitos de jurisdição, juizado de instrução e questões prejudiciais e pude julgar a competência, o talento, e a erudição do representante gaúcho.

Uma qualidade deve, ainda, ser posta em relevo: o seu espírito eminentemente gregário que o leva a dividir o pouco tempo que lhe sobra dos múltiplos labóres pelas agremiações científicas, como sejam o Instituto Geográfico e Histórico do Rio Grande do Sul, de que foi fundador, a Academia Riograndense do Sul, e o I O de Advogados do Brasil.

Preside hoje a Federação das Academias de Letras do Brasil, é tesoureiro da Associação dos Magistrados, sem prejuízo das árduas funções de presidente do I B G E.

Como publicista, grande é a sua bagagem literária que se desmembra pelo direito, história, etnologia e geografia.

Estão aí vários trabalhos sobre o Código Penal, o Código do Processo Penal, as contravenções, a "Constituinte e a Constituição do Rio Grande do Sul".

O governo atual da República encarregou-o da confecção do projeto do Código Comercial.

Sobre geografia econômica escreveu: "Retrospecto econômico e financeiro do Rio Grande do Sul" e quanto à geografia agrícola "O gado na antropogeografia".

Agora, Sr. FLORÊNCIO DE ABREU, permiti que vos diga sobre o grêmio a que, para gaudium nosso, íeis pertencer.

A sua construção moral data de 25 de fevereiro de 1881 e, entretanto, através de todas as transformações político-sociais por que tem passado o Brasil e mesmo, a humanidade ainda hoje se estadeia, firme e glorioso, tendo alicerces na constância de seus solos. Hoje mesmo, recebe o galardão, por 40 anos de bons serviços, esse magno geógrafo que é DELGADO DE CARVALHO.

Tolerante para com todos os credos, dando guaiada a opiniões, as mais divergentes, desde que úteis à coletividade, unindo a evolução à tradição, adotando a regra de conservar melhorando, levando, sempre que necessário, a geografia ao campo do direito, da sociologia, da matemática, da filosofia, da história e de várias outras ciências, estudando-a com as modificações do progresso, tem procurado concorrer para a solução de magnos problemas nacionais. Poderia lembrar aqui a transposição do Bendegó, para a metrópole, as expedições que sugerimos, sem esquecer a do Jalapão, os estudos centrográficos e o das questões de limites e os dez congressos de Geografia. Aceitamos os alvitreiros dos que encaiam a geografia como a desciação da superfície da terra e a dos que repelem, como o humilde orador, tal conceito: apreciamos, na devida conta, os que exaltam a geopolítica e os que, em campo contrário, se voltam para a geocinética e querem uma geografia em movimento.

A casa para onde entráis foi dirigida por PARANAGUÁ, RIO BRANCO, TAUMATURGO DE AZEVEDO, almirante PEREIRA, MOREIRA GUIMARÃES, RAUL TAVARES e no momento está presidida pela nobre figura de JORGE MARTINS.

Pentriais aqui já com um alto encargo; o de presidente da Comissão Organizadora do XI Congresso Brasileiro de Geografia. O orador já ocupou igual cargo no VI Congresso que se reuniu em Vitória e sabe as dificuldades da missão.

Que saíeis vitoriosos e que haveis de honrar esta agremiação, sabemos-lo convictamente. Saudamo-vos, portanto, com plena confiança nos vossos trabalhos.

A essas expectativas nos habilitam as vossas credenciais.

E peimti vós e peimta o augusto plenário que eu termine com uma única palavra, mas uma palavra que tenha o poder de, colocando as idéias opostas em um plano comum, trazei-nos sempre congregados para que, unidos e fortes, possamos lutar pelo bem comum

E essa palavra será a mesma, que, em certo momento crítico da velha Roma, saiu dos lábios trêmulos nas enérgicas de SÉTIMO SEVERUS: *Laboremus*

Discurso do desembargador FLORENÇO DE ABREU:

“Existem, no país, três grandes instituições culturais, de âmbito nacional, que têm resistido galhardamente às vicissitudes do tempo. Duas delas já são seculares, — o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fundado em 1838, e o Instituto dos Advogados Brasileiros (a casa de MONTEZUMA), que data de 1843. A terceira é esta Sociedade Brasileira de Geografia, quase secular, pois veio ao mundo no ano de 1883. Todas, — com assinalados serviços à pátria —, à medida que o tempo vai passando e se vão acumulando os anos de sua vida gloriosa, mais se vão impondo à veneração dos brasileiros. Sucumbe o Império, muda o regime, soçobiam as instituições políticas, passam de velhos a novos o Estado e a República, e as três grandes instituições prosseguem impavidamente na sua trajetória ascendente e luminosa, porque o ideal que as anima e impulsiona, pairando acima daquelas contingências temporais, está intimamente vinculado às forças eternas, que através da ciência e da cultura, presidem a evolução humana no sentido da civilização e do progresso dos povos.

Pertencer, portanto, à Sociedade Brasileira de Geografia é alcaudonar-se a altiplanos morais de nível superior, sendo susceptível de vertigem o alpinista que não estiver preparado para ascender a essas altitudes. Eu, de mim, vos confesso que me sinto assim em estado um tanto vertiginoso, neste momento em que fuo a grande honra de assumir a alta posição de membro de tão conspícuo sodalício. E além da vertigem, o atordoamento, — atordoamento naturalmente originado pelo impacto do excessivamente generoso e por demais exuberante elogio dos trabalhos que teriam servido de credenciais e influído no ânimo desprevenido dos meus ilustres confrades ao me conferirem tão importante investidura.

E é para mim outra grande honra e motivo especial de satisfação íntima, o ser saui-

do por esse espírito de escol que é CARLOS XAVIER PAIS BARREIRO, homem de inteligência e de coração, de grande saber jurídico, o que lhe valeu atingir a presidência do Tribunal de Justiça do Espírito Santo e desempenhar com bilho cargos de alta responsabilidade, — prefeito de Vitória, procurador geral, secretário do Interior e Justiça, e chefe de Polícia daquele estado; professor de Direito, de Geografia e História; jornalista; membro de diversas associações literárias do país; autor de obras reveladoras de profunda cultura, quer jurídica, quer geral, — o que tudo explica a sua generosidade e indulgência ao apreciar os trabalhos alheios. Os espíritos superiores são assim: generosos, indulgentes, porque isentos de complexos inferiores, que induzem ao estanho deleite de tudo negar.

Não obstante tais encômios, que muito me desvanecem, mal percebo onde estariam os títulos capazes de habilitar-me a participar convosco dos relevantes trabalhos que categorizam a finalidade científica desta instituição, a não ser a incidência no enunciado geral do artigo primeiro, *in fine*, dos estatutos, convocando o congaçamento das pessoas de boa vontade, interessados no estudo da Geografia. Em verdade, referiu-se o vosso orador a um fato que, de qualquer modo, revela a boa vontade de minha parte no despertar o interesse pelo estudo da ciência geográfica. Refino-me à iniciativa da fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, que tão marcantes serviços vem prestando à cultura brasileira nos domínios da Geografia e da História. Talvez seja esse o meu merecimento, se bem não fôsse exclusivamente minha a iniciativa, mas de mais três companheiros, — os saudosos SOUSA DOCA e AURÉLIO PÔRRO, que foram também membros eminentes desta ilustre Casa, e OLÍAVIO AUGUSTO DE FARIA CORREIA, verdadeiro especialista em Geografia, autor de diversas monografias geográficas regionais, gênero esse de trabalho, que como sabeis, representa segundo a orientação metodológica dos geógrafos franceses, o processo mais objetivo de análise dos problemas das relações do Homem com a Terra, e o organizador de um excelente dicionário geográfico do Rio Grande do Sul, com abundantes dados demográficos, econômicos, históricos e estatísticos, premiado com medalha de ouro na Exposição Nacional de 1908.

Fazendo a biografia de OLÍAVIO AUGUSTO DE FARIA CORREIA, por ocasião de tomar

posse da cadeira, de que é êle patrono, na Academia Sul-Riograndense de Letras, tive a oportunidade de referir que, — de todo superada a época em que a Geografia não passava de simples nomenclatura sem vida, matéria como inventada para torturar a memória —, “o espírito moderno, impregnado de um profundo sentido do humano, exige (como observa PALAN VIERA, no “Piólogo” à tradução castelhana da *Geografia Humana* de HENDERSON) algo mais do que listas de cidades e cabos ou de ávidas colunas de números. Precisamos saber o que hão de significar para nós, homens, essas cordilheiras que nos detêm, êsses mares que nos atraem, essas regiões remotas e exóticas que conhecemos pelo seu aspecto pitoresco, êsses grandes rios a cujas margens se levantam enormes cidades. Queremos indagar as causas que mantêm uns povos na miséria e que elevam outros às culminâncias da opulência e do progresso. Queremos conhecer o que deve a vida de um povo ao ambiente em que se desenvolveu e o que devemos atribuir ao seu livre esforço. Em uma palavra: a exigência estriba-se no conhecimento das relações existentes entre a atividade humana e os fenômenos da Geografia Física.”

Superada ficou, assim, também a fase da Geografia meramente descritiva, para atingir-se, a partir especialmente da obra de CARL RITTER e de RATZEL, o ciclo moderno da Geografia, como ciência que estuda as influências do ambiente físico sôbre a humanidade e sôbre a história, e a reação do homem, como indiscutível fator geográfico, sôbre o solo em que vive; e destarte, mediante o conhecimento perfeito da Terra, desenvolver a utilidade desta em maior proveito do homem, das instituições, das sociedades, dos povos e das nações. E, como adverte PRESTON JAMES, em sua magnífica obra *Latin America*, é mister de maior importância da Geografia o de ministrar conhecimentos geográficos perfeitos de uns países em relações aos outros, pois o maior perigo das relações entre os povos é o de não possuir informações exatas sôbre os seus vizinhos.

A êsse propósito, já havia eu referido alhures que é pelo mau conhecimento da ciência geográfica que se explica o equívoco de certos povos, para os quais, como observa ELISÉE RECLUS, são inferiores e desprezíveis os seus vizinhos: os estrangeiros são tratados de “surdos”, “mudos”, “idiotas”, “monstros”, “sujos”, “demônios”. Os próprios chineses, que sob tantos aspectos constituem, há sécu-

los, um dos povos mais interessantes do Globo, não se contentavam em considerai o seu belo país o “Império Celeste”, a “Flor do Meio”, mas a si próprios se designavam, com ares de divina superioridade, “filhos do céu”. As outras nações espalhadas em tórno do Império eram, para êles, em número de quatro: os “Cães”, os “Porcos”, os “Demônios” e os “Selvagens”; ou *tout court*, os “Imundos” do Norte, do Sul, do Leste e do Oeste. Não são decorridos muitos anos que uma grande potência, por não conhecer perfeitamente ou esquecer o conhecimento perfeito de um grande país vizinho, sofreu o mais duro revés de sua história.

É mister ainda, como adverte JOSUÉ DE CASTRO na sua *Geopolítica da Fome*, se aplique, no interesse da Humanidade, o método geográfico ao estudo das calamidades sociais. A Geografia tem tratado muito mais dos aspectos positivos, favoráveis, do mundo, do que dos seus aspectos negativos; mais das riquezas da Terra e das vitórias do Homem do que das suas misérias e derrotas. O que se chama a Geografia Humana — ciência de atualidade —, incumbe-se perfeitamente da demonstração dos brilhantes resultados da epopéia do trabalho humano, escrita sôbre a superfície da Terra”. E compiova que o perfeito conhecimento da Terra com o aproveitamento racional dos seus recursos naturais, poderão afastar o aspecto da fome das atribulações humanas, relegando para o olvido a doutrina extravagante do néo-maltusianismo, com as suas proposições esdrúxulas, como se o homem, com as suas faculdades intelectuais, e sua inventiva, a sua ciência, a sua energia e a sua técnica criadora, não pudesse dispor de instrumentos e de meios capazes de modificar as próprias condições da natureza, de domesticar o ambiente físico hostil e converter assim, como vai convertendo, o determinismo geográfico em possibilidades geográficas.

A obra dos geógrafos é destarte essencial e necessária à solução dos nossos problemas de hoje, como nos foram de inestimável valia para a solução dos nossos problemas de ontem, especialmente na obra grandiosa da definição dos contornos geográficos de nossa pátria. Incorporando-se às memoráveis “comissões de fronteiras”, marcadamente as organizadas em virtude do Tratado de Madri e arrostando hostilidades multiformes na sua penosa, difícil, perigosa missão, realizaram pesquisas, identificaram acidentes, levantaram mapas, que possibili-

tariam ao estadista a solução dos magnos problemas concernentes à determinação das nossas fronteiras, tão dilatadas pelos feitos sobre-humanos das bandeiras São os BRITO PEIXOTO, JOÃO MAGALHÃES, CRISTÓVÃO PEREIRA, ao Sul; RAPÔSO TAVARES, MANUEL PRÊTO, FERNÃO DIAS PAIS LEME, ao Sul e a Oeste; ANTÔNIO DOMINGUES, ANDRÉ FERNANDES, CABRAL LÊME, os dois BARTOLOMEU BUENO, PIRES DE CAMPOS, RICARDO FRANCO, a Oeste; PEDRO TEIXEIRA, BENTO MANUEL PARENTE, LUÍS ARANHA DE VASCONCELOS, ao Noite, enfrentando uma natureza agressiva, sofrendo as mais duras privações, em meios às hostilidades do gentio, do castelhano, dos beduínos e dos enxames dos mais terríveis inimigos do homem naquelas regiões bravias, — os insetos disseminadores das febres, que estagam a saúde quando não causam insidiosamente a morte

Entre tantos outros episódios expressivos da odisséia desses desbravadores e sertanistas, acode-me à memória o de Nossa Senhora dos Prazeiros de Iguatemi que dos "Prazeiros" do nome só se compreendiam, por contraste, os dos que escapavam às sucessivas ondas de tormentos muito superiores à capacidade de acomodação humana Como informa o grande historiador AFONSO DE TAUNAY, segundo a descrição (e conservando em parte as expressões do original) do sargento-mor JUCARTE, em 1769, "laboravam muitas doenças e amiudavam as mortes", quando sobreveio inupção, no povoado, de enormes quantidades de ratos, o que "mais parecia praga que imundície da terra" e cujos estagos nas lavouas se faziam consideráveis A êsse flagelo logo outro se seguiu, — o surto de densas aglomerações de pulgas, "em tanta quantidade que se não podia dormir de noite, nem sossegar de dia" Adveio então o aparecimento de miríades de aranhas, "bichos grandes, felpudos, nojentos e muito moles, que por tôda parte se trepavam e perseguiram a gente As baratas que sucederam à visita das aranhas, apareceram em ordem tal "que era inexplicável poder-se dizer a sua quantidade; bastava dizer que formavam nuvens pelas casas, que, voando, davam pela cara da gente e se metiam pela bôca, e era preciso ceiar-se de dia, que eram tantas que continuamente caíam sobre o comer" Também os grilos se iam em porções espantosas "Não se podia dizer como se produziam em tanta quantidade que causavam tal perturbação que ninguém podia dormir, porque, não obstante a grande gri-

taria que faziam, roíam as testas, os narizes e pés dos que apanhavam dormindo Além disso, ioeram e despedaçaram com grande estiago tôda a roupa de todos os povoadores, nova, velha, branca e de côr, por mais guardada que estivesse, que era uma compaixão — Aos grilos junta-se-iam, na sucessão do aparecimento, os gafanhotos, em nuvens compactas que obscureciam o sol. Pareciam essas coisas sobrenaturais" Manifesta-se a penúria com a lavoua destuída; e, aos alternativos males dessa fauna, acrescente-se o "flagelo incessante, diuturno e inevitável dos mosquitos Tal a imensidade de bomachudos e peñilongos que os vinte e nove cavalos comprados para o serviço d'el rei não suportavam ficar ao relento" À noite, perseguidos pelos implacáveis dípteos, "corriam ao campo a tôda brida, procuravam as casas na povoação, entravam por elas a dentro, metiam as cabeças junto com a gente por cima do fogo para se livriarem daquela imundície Alguns houve que no campo morriam, literalmente devorados pelos terríveis hematófagos".

Êsse supremo vigor, essa resistência física e moral, a ousadia inacreditável desses desbravadores dos sertões e conquistadores e ocupantes da faixa de nossas fronteiras, acorda nos brasileiros um legítimo "ufanismo" não da terra que a fantasia do poeta compara a leite esplêndido, mas da raça E já que evoquei aquêles bandeirantes dos primeiros séculos, na epopéia do devassamento dos sertões, propiciadores de roteiros geográficos e propiciadores do *uti possidetis*, e que fizeram do Brasil, não um país de fachada, mas o nosso grande Brasil, não me seria possível deixar de referir-me aos novos bandeirantes do fim do século XIX e os do século XX, PLÁCIDO DE CASTRO e GENTIL NORBERTO, com os seus companheiros, e a famosa comissão chefiada por êsse grande brasileiro, legendário em vida, nosso benemérito confiado, general CÂNDIDO RONDON, cuja obra, noutro ensejo e inspirado em passagem de excelente livro de um dos seus denodados auxiliares, assim saudei:

Empreendendo essa obra gigantesca e apavorante de devassar os sertões, atravessa os ínvios campos de Mato Grosso, rasga a lendária mata do Guaporé, faz levantamentos e descobertas de grandes cursos d'água ígnotos dentro do território da própria pátria e no entanto de extensão equivalente à do Elba e do Alto Reno; corrige erros escandalosos da nossa cartografia e, para honra

da ciência geográfica brasileira, apaga dos velhos mapas a indicação "Desconhecido", que abrangia uma larga porção do noroeste do Brasil; aproxima pelo telégrafo e pelas estradas de rodagem que constituía, não um país a outro país, não um povo a outro povo, mas brasileiros a brasileiros, irmãos a irmãos dentro da própria casa, e realiza um trabalho de imensurável alcance econômico, social e político, que, nos tempos modernos, rivaliza com a obra de LESSEPS, comunicando as águas da Europa com as águas da Ásia e, na opinião insuspeita do rude e austero THEODORE ROOSEVELT, com a maravilha da engenharia americana que é o canal do Panamá; trabalho, que por sua beleza, é comparável, dentre os monumentos da língua portuguesa, ao poema de CAMÕES, na música brasileira aos acordes bizaios, selvagens e grandiosos do *Guanani*, na política nacional à obra de JOSÉ BONIFÁCIO e nos nossos feitos épicos, pelo que há de sacrifícios, de provações, de sofrimentos, de tenacidade e de heroísmo, a essa odisséia vivida da *Retirada da Laguna*

Tão dilatada faixa de fronteira, que vemos à ingente obra dêsses heróis e ao esforço intelectual e à sabedoria dos nossos estadistas e diplomatas, não pode continuar como está, praticamente ao abandono em grande parte da sua extensão, aqui e ali invadida pelas fôrças desnacionalizantes da língua e da moeda dos povos da outra banda. Muito se teria de explanar nessa ordem de idéias, o que esta solenidade não comporta. Basta, porém, referir à grande conveniência de intensificar a marcha para o oeste e de restabelecer os territórios nacionais, que um mal entendido regionalismo aboliu e criou outros mais ao longo da fronteira. Observa o acaitado autor de *Geopolítica Geral e do Brasil* que, por mais melindrosas que sejam as susceptibilidades de autonomia municipal e estadual nos regimes federativos, é fora de dúvida caber ao Poder Federal a regularização das funções com o mundo exterior." Deve ficar, para a sua defesa, a faixa raiana diretamente subordinada aos estados-maiores das fôrças armadas nacionais, e, para o seu desenvolvimento econômico, melhor atendida e fecundada pelos recursos da União. As previsões do futuro não poderão incertamente além de um limite comparável ao horizonte visual. E êsse contorno simbólico das caixas geográficas que forma o retrato linear do país é — na expressão do citado autor — guardado no coração como se fôra a própria terra natal.

— Foi efeito inesistível de associações de idéias, estendi-me por demais nesta minha alocação, que seria tão simples e tão breve e por isso mesmo tão mais apreciada, se me houvesse cingido ao que deveria ser, — agradecimentos efusivos e muito cordiais à grande honra que me conferistes, elegendo-me membro desta ilustre Sociedade

Meus eminentes confrades: muito desvanecido e muito obrigado"

Discurso do Prof. DELGADO DE CARVALHO:

Foi para mim uma agradável surpresa ao chegar, há dias, de Curitiba, encontrar a carta do senhor secretário-geral, desembargador CARLOS XAVIER PAIS BARRETO convidando-me para o dia de hoje, a fim de tomar parte nesta solenidade, em que faço quarenta anos de sócio da Casa

As palavras amáveis que me foram dirigidas e que muito agradeço me levam a algumas rápidas considerações

Meu relativo afastamento da Geografia tem dois motivos. Em primeiro lugar, julgo que para ser geógrafo é necessário ser moço, viajar, trabalhar no campo, explorar e fazer pesquisas e experiências; em realidade, é preciso consagrar-se exclusivamente a esta bela profissão

Em segundo lugar, é porque, há cinquenta anos sou professor de História. Em fins de 1903, de fato, adquiri a obra do grande ALBERT SOREL, que foi mais tarde meu mestre na Escola de Ciências Políticas de Paris e, no ano seguinte, em fevereiro, se não me engano, lecionei minha primeira turma de História, num colégio de Lausanne, onde eu estudava Direito, na Universidade

Ao chegar ao Brasil, em 1907, estranhei a dificuldade de achar descrições geográficas satisfatórias nos manuais escolares. Ao viajar pelo interior e pelo sul, verifiquei que os trabalhos de HARTT, de WAPPEUS, de BRANNER, de DERBY, de CRULS, de GORCEIX, de LIAIS e de muitos outros geólogos, economistas e naturalistas não eram aproveitados na vulgarização de conhecimentos geográficos nas escolas. Escrevi então livros e manuais como o *Brasil Meridional* e a *Geografia do Brasil* que nada tinham de original a não ser a aplicação ao nosso país dos métodos de VIDAL DE LA BLACHE, GALLOUÉDEC, BRUNHES, que me haviam sido ensinados. Visava eu apenas a divulgar, no nível didático, as ricas informações acumuladas pelos especialistas. Dez anos mais tarde, consegui

sei ouvido por meu amigo e colega, Prof FERNANDO RAJA GABAGLIA, um dos pioneiros da Geografia moderna, que, a meu pedido, introduzia a Geografia Regional nos programas do Colégio Pedro II. Trinta anos depois, em 1944, tive a satisfação de ver adotada oficialmente pelo governo a minha divisão regional do país, recomendada por esclarecidos e meditados pareceres elaborados por meu eminente amigo e primo, Prof FÁBIO DE MACEDO SOARES GUIMARÃES.

Já então havia aparecido um irmão desta Sociedade, o "Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística", cujo atual presidente é o ilustre homenageado de hoje, desembargador FLORÊNCIO DE ABBREV. Surgiu também, a Associação dos Geógrafos Brasileiros, na qual, meu operoso amigo, Prof JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA está dando um grande impulso a Geografia nos contactos directos com a Natureza.

O quadro que se apresenta hoje para a Geografia no Brasil é realmente animador. Uma monumental síntese está em elaboração no Conselho Nacional de Geografia, sob a orientação nitidamente americana do Prof JORGE ZARUR. E pois natural que o nosso país seja considerado como dos mais adiantados do continente: o XVII Congresso Internacional de Geografia, em Washington elegu meu jovem amigo e ex-discípulo, Prof HILGARD STERNBERG, vice-presidente da famosa assembléa e escolheu o Rio de Janeiro para sua próxima reunião, em 1956. Estamos pois de parabéns. Mas, o trabalho geográfico está mudando de rumo.

Não fui grande entusiasta da chamada Geopolítica, talvez em razão dos atos cometidos em seu nome, mas confesso que as suas diretrizes gerais, quando sóbrias e desinteressadas, não deixam de ter significação eloquente e imediata no mundo atual.

Em História, por exemplo, os fatos em si pouco valem; a sua importância lhes vem da significação que têm, do que representam e das influências que exercem ulteriormente. Do mesmo modo que a História dita "fatal", a Geografia Regional, (fórmula essencial da Geografia moderna), é apenas um aspecto estático. Ora, ela necessita, hoje, apresentar um aspecto dinâmico. Do mesmo modo também, a Geografia Humana precisa evoluir para a Ecologia Humana, isto é, para o estudo da concorrência, da competição, da luta que, numa determinada área geográfica, apresenta o resultado da ocupação humana, animal e vegetal. Em Geografia, a

vida é movimento, por isso, não pode mais ser encarada como uma disciplina isolada, auto-contida e distinta; há, na Geografia atual, muito de Sociologia, de História, de Economia e de Ciência Política.

Acredito piamente que não há política humana sem um certo determinismo geográfico, digamos possibilismo, mas possibilismo imperativo, cada dia mais evidente. Duas grandes guerras não somente vieram estimular os estudos geográficos, mas vieram dar-lhes novos rumos, novas diretrizes.

Há quarenta anos, estávamos a quinze dias da Europa, hoje estamos a menos de vinte horas dela. A redução dos espaços desvendou os mistérios dos pólos. Em 1950, eu voava de Paris a Nova York, via Terra Nova, no dia seguinte, o mesmo percurso era feito por companheiros meus do mesmo congresso, mas haviam, sem perda de tempo, passado pela Groenlândia!

A Geografia de hoje não pode, em consequência ser mais exclusivamente regional. É uma disciplina cuja importância vai crescendo: ela foi muito tempo, simples *nomenclatura*; no XIX século, passou a ser *descrição*; no XX século( evoluiu para *explicação*, mas atualmente, ela tende francamente a ser *orientação e previsão*, no sentido sóbrio das palavras.

A Geografia de hoje constitui uma esteira de ações combinadas entre nações interdependentes, cuja prosperidade econômica, cuja estabilidade política, cuja própria segurança militar ultrapassam os recursos e as possibilidades de uma só nação.

O patriotismo de hoje muda de aspecto: não pode mais ser isolacionista. Ignorar os outros, é suicídio. Há um necessário equilíbrio de forças, como sempre houve no mundo moderno, mas o equilíbrio atual não pode mais ser obtido por meio de duplas ou triplas alianças como no passado recente. Hoje em dia, o equilíbrio de forças exige a integração de dezenas de nações sob um contido super nacional, ao qual se estão resignando as próprias grandes potências; daí a importância crescente das nações americanas de nosso continente; daí os satélites do outro lado da "cortina de ferro". Vejamos a comunidade do Atlântico Norte, a Benelux, os dispositivos surpreendentes do Plano Schuman, o projeto super nacional do Exército Europeu e muitos outros entendimentos que, há vinte anos teriam sido considerados impossíveis senão absurdos, com as noções, então persistentes, de "soberania".

Em conclusão: a nossa Geografia tem de evoluir. Se os nossos conhecimentos relativos ao Brasil estão satisfatoriamente progredindo, devemos, entretanto, visar em nossos estudos:

1) A um conhecimento mais profundo da Geografia dos continentes, principalmente de seus recursos naturais, de seus produtos de valor estratégico, de suas indústrias-chaves. Precisamos conhecer as suas condições de vida e o sentido de sua evolução. Isto, para a Ásia e a África, é de capital significação no momento histórico em que vivemos.

2) A um contacto mais íntimo com as necessidades dos países que são os nossos aliados naturais, estudando o que nos podem fornecer e o que lhes podemos oferecer. A compreensão dos povos estrangeiros é um elemento de entendimento, que visa à UNESCO e que muito bem acaba de salientar aqui o ilustre presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, desembargador FLORENCIO DE ABREU.

3) A incutir nos jovens da actual geração um *espírito geográfico* novo, uma consciência geográfica. Novas noções de espaço e distância, curiosidade pelos progressos do estrangeiro, interesse mais vivo pelo que podem vir a ser os desenvolvimentos do futuro — orientação e previsão — como dizia A Geografia tende a ser uma *disciplina de preparo!*

O estudo da Geopolítica, não como instrumento pseudocientífico de combate, mas como disciplina prática e realista, me parece destinada a modificar as nossas dietizes em Geografia. As alterações dos valores de espaço, posição, distância, acidentes geográficos e recursos mudaram o sentido da Geografia. A estabilidade não é mais sua característica: adaptemo-nos pois a este mundo em mudança.

Há quarenta anos passados, estávamos atrasados; hoje, estamos na frente! Conserve-mos pois esta nossa posição nas cátedras e nos institutos de Geografia do mundo moderno.

## Novo Secretário Geral do Conselho Nacional de Geografia

Foi empossado no cargo de secretário-geral do Conselho Nacional de Geografia o tenente-coronel DEOCLÉCIO DE PARANHOS ANTONES, nomeado para estas funções em portaria, baixada em 15 de abril do corrente ano, pelo desembargador FLORENCIO DE ABREU, presidente do I B G E.

Recebi a escolha num oficial superior do nosso Exército já ligado ao I B G E como consultor técnico do Conselho Nacional de Geografia.

O novo titular da Secretaria Geral do C. N. G. possui o curso de Estado Maior, exerce ainda o magistério em diversos estabelecimentos de ensino militar, como na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército e na sua congênere para Oficiais da Polícia Militar, onde rege as cadeiras de Geografia, Economia e Sociologia. Ensinou também Geografia Económica na antiga Escola de Intendência do Exército.

Pertence a numerosas instituições científicas e literárias nacionais e estrangeiras. É membro da Sociedade Brasileira de Geografia, do Instituto de Geografia e História Militar, e da National Geography Society, de Washington. É também sócio de Academias de Letras e dos Institutos Históricos e

Geográficos dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Faz parte da Comissão Diretora da Biblioteca Militar, tendo sido recentemente escolhido para secretário-geral da Comissão Organizadora Central do XI Congresso Brasileiro de Geografia que a Sociedade Brasileira de Geografia promoverá, em data ainda não fixada, na cidade de Porto Alegre.

A sua atividade como escritor é fecunda, contando em sua bagagem inúmeros estudos históricos.

É autor de vários trabalhos de cunho geográfico tais como: "A Ilha Brasileira da Ilha do Quaraá"; "Limite e Povoamento do Brasil Meridional"; "Passado e Presente da Economia Brasileira"; "Evolução Económica do Brasil" e "Combustíveis na América do Sul".

A solenidade de posse do novo secretário-geral do C. N. G. esteve abrilhantada com o comparecimento de representantes de instituições científicas e culturais, oficiais das nossas classes armadas, representantes de altas autoridades e grande número de funcionários da Casa.

Coube ao desembargador FLORENCIO DE ABREU, na qualidade de presidente do I B